

A OBRA DE CAPISTRANO DE ABREU

ENSAIOS E ESTUDOS

NANCY OKUBARO

A OBRA DE CAPISTRANO DE ABREU

ENSAIOS E ESTUDOS*

NANCY OKUBARO**

As reedições de Capistrano de Abreu não são comuns. A não ser *Capítulos de história Colonial*, já publicado cinco vezes, as outras obras do Autor, saídas há quase quatro décadas, passaram a constituir raridade. A primeira edição de *Ensaios e Estudos*, publicada em três volumes, é respectivamente de 1931, 1932 e 1938; *A Descoberta do Brasil*, de 1929; e *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, de 1930. Só agora sai a segunda edição de *Ensaios e Estudos*, integrando a edição popular de sua obra completa.

Para difundir o pensamento de Capistrano de Abreu, amigos e discípulos do historiador fundaram a *Sociedade Capistrano de Abreu*, em 1927, no Rio de Janeiro. Entre os objetivos da Sociedade estavam a reedição de suas obras e a publicação de seus trabalhos inéditos; a de outros trabalhos sobre o Brasil, inclusive viajantes e sábios que percorreram o país; a criação de Prêmios para incentivar estudos nas áreas de História, Etnografia, Etnologia e Língua Brasileira. Coube a seus discípulos e historiadores, Eugênio de Castro e Rodolfo Garcia, a incumbência de realizar a tarefa.

Mesmo com a fundação da Sociedade e com a difusão de seus livros pelo editor de renome, F. Briquet, as obras de Capistrano de Abreu tiveram pouca divulgação e penetração de vendas, o que impediu maior vulgarização de seus livros.

* Capistrano de Abreu - *Ensaios e Estudos*, 1ª e 2ª séries, Rio, Civilização Brasileira, 1975 e 1976 (os *Ensaios e Estudos* se compõem de 4 séries).

** Aluna de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Só agora, depois de um convênio com o MEC e com uma tiragem mais popular, essa literatura histórica se torna mais acessível ao público.

Os dois volumes de *Ensaio e Estudos*, 1ª e 2ª séries, reúnem artigos publicados em jornais, prefácios de livros e contribuições a revistas.

O primeiro volume, que contém 12 artigos escritos entre 1874 e 1901, realça, principalmente, o valor da literatura e de escritores e poetas românticos brasileiros, fazendo ainda avaliação da obra de alguns historiadores.

Entre esses artigos, podemos citar *Perfis Juvenis*, com os ensaios sobre Casemiro de Abreu e Junqueira Freire, *A Literatura Brasileira Contemporânea*, *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen*, *Visconde de Porto Seguro*, *Sobre o Visconde de Porto Seguro*, *Raul Poméia* e *Dialógos das Grandezas do Brasil*.

Os temas analisados e reunidos neste primeiro volume, escritos ainda no início de sua carreira de historiador, mostram um Capistrano ainda romântico e voltado principalmente aos problemas literários.

O romantismo de Capistrano de Abreu aparece nos entremeios das análises e na linguagem rebuscada e preciosa dos ensaios. Quando fala de Casemiro de Abreu, em *Perfis Juvenis*, o Autor afirma que “o amor é sentimento que arranca da lira do poeta acordes maviosos e sublimes”. Em outro ensaio, *A Literatura Brasileira Contemporânea*, quando descreve a paisagem brasileira, refere-se a “esta natureza exuberante, estas matas sombrias como os arcanos do coração e perfumosas como as ilusões de um cérebro de quinze anos, as magnificências que nos circundam, as grandezas que nos esmagam”. No mesmo estilo, fala “em longas noites cintilantes, enquanto os raios da lua esmaltam as paisagens de uma pubescência de prata, e as estrelas, como louras piabas, surgem tímidas à flor da imensidão, a alma elança-se, a imaginação arroja-se e a inspiração popular tenta exprimir as emoções que a abalam – subjugam”.

Além de escrever, fazia também conferências, muitas das quais posteriormente transcrevia para publicações em jornais ou revistas. Em 1875, em Fortaleza, numa conferência, discorreu sobre *A Literatura Brasileira Contemporânea*, depois publicada por *O Globo* em quatro partes.

Uma das principais preocupações de Capistrano de Abreu é a interligação entre literatura e sociedade, muito em moda na sociologia evolucionista da época. Para ele, “a literatura é a expressão da sociedade, e a sociedade a resultante de ações e reações: de ações da Natureza sobre o Homem, de reações do Homem sobre a Natureza”.

Ele analisa também a sociedade brasileira através das diversas formas de manifestação literária, entre elas o conto popular, a música e a dança. Inicia seu

estudo pela literatura colonial, apesar da “raridade dos livros e documentos antigos”. E explica que “por sua natureza esotérica, esta literatura não podia estender-se ao povo, nem podia satisfazê-lo”. Mesmo assim, até o século XIX, o Brasil teve três centros de movimento literário: Bahia, Minas e Rio de Janeiro.

Capistrano também indica alguns efeitos literários da independência: “o estabelecimento de um dia de consciência nacional”, “impedir que, como nos tempos coloniais, os nossos mais eminentes patrícios fossem além-mar procurar um centro mais vasto de ação, em que pudessem realizar suas aspirações”, “derramamento da instrução e a liberdade da imprensa”.

Muito acertadamente, Capistrano de Abreu já adiantava, em seu tempo, que “o estado mental de um povo depende de seu estado econômico”. Para Capistrano, “o único progresso efetivo depende não da bondade da Natureza, mas da energia do Homem, e como podemos nós lutar contra inimigo tao poderoso sem ciência, sem indústria?”

Ele já denunciava, em seu tempo, que “socialmente a literatura não ocupa um lugar importante em nossa pátria”. Para ele, um romancista é um representante da nação tão válido quanto um senador ou deputado.

Posteriormente, seu interesse se voltou mais para a história e a lingüística ou etnolingüística. Como discípulo de Varnhagen, seus estudos mostram o que ele deve ao mestre e, ao mesmo tempo, as críticas que faz a ele. Em seu *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen*, diz que “a falta de espírito plástico e simpático” eram os maiores defeitos do Visconde de Porto Seguro. Em outras palavras, a “história do Brasil não se lhe afigurava um todo solidário e coerente. Os pródromos da nossa emancipação política, os ensaios de afirmação nacional que por vezes percorriam as fibras populares, encontravam-no severo e até prevenido. Para ele, a Conjuração mineira é uma cabeçada e um conluio; a Conjuração baiana de João de Deus, um cataclisma de que rende graças à Providência por nos ter livrado; a Revolução pernambucana de 1817, uma grande calamidade, um crime em que só tomaram parte homens de inteligência estreita, ou de caráter pouco elevado. Sem D. Pedro a independência seria ilegal, ilegítima, subversiva, digna da forca ou do fuzil. Juiz de Tiradentes e Gonzaga, ele não teria hesitado em assinar a mesma sentença que o desembargador Diniz e seus colegas”.

Capistrano de Abreu critica esta perspectiva na obra do Visconde de Porto Seguro. “É pena” que Varnhagen “ignorasse ou desdenhasse” as novas teorias sociais nascentes na época, principalmente da sociologia de Comte, Spencer, Buckler. Varnhagen foi um pesquisador incansável, descobridor de inúmeros documentos e monografias. Entretanto, não foi capaz de, através desses documentos, analisar os fatos geradores das crises sociais na história. Mas ele foi o primeiro escritor brasileiro a fazer uma “História” do Brasil, a pesquisar, compilar e publicar documentos até então inéditos.

Em outro ensaio, *Sobre o Visconde de Porto Seguro*, Capistrano história, século por século, os achados de Varnhagen. Como fica bem demonstrado neste ensaio, Varnhagen foi um dos maiores pesquisadores e divulgadores das obras do século XVI. A ele se devem a descoberta do *Roteiro de Pero Lopes* e a do *Livro da Nau Bretoa*; a edição de Gabriel Soares de Souza; a publicação de *Narrativa Epistolar de Fernão Cardim*; e a descoberta das cartas avulsas de Duarte Coelho, Duarte de Lemos, Guilem, Jerônimo de Albuquerque e outros.

Das obras do século XVII, Varnhagen estudou principalmente a história do *Estado do Maranhão*. Já no século XVIII, como explica Capistrano de Abreu, o trabalho de Varnhagen tornou-se mais difícil. O Brasil é povoado repentinamente: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Cuiabá, Mato Grosso, Piauí são ocupados nessa época.

Varnhagen foi o primeiro historiador a escrever a história do século XVIII, o que justifica, segundo Capistrano, o fato de seu trabalho deixar muito a desejar.

Tentando demonstrar a pouca visão de conjunto e a falta de espírito analítico de Varnhagen, Capistrano de Abreu divide a história do Brasil em seus períodos, ou sejam: de 1500 a 1614 (ocupação do litoral); 1614 a 1700 (internação pelos rios); 1700 a 1750 (mineração); 1750 a 1808 (consolidação do sistema colonial), 1808 a 1850 (decomposição do sistema colonial), e após 1850, período que estava vivendo e que poderia ser chamado de centralizador, imperialista ou industrial.

Para Capistrano, o defeito fundamental do livro de Varnhagen é não distinguir os fatos que caracterizam um período, separando-o “pronunciadamente” de outros. A obra de Varnhagen não separa em seu todo acontecimentos principais dos secundários. Para ele, há uma conformação uniforme, isto é, não há fatos de grande importância que mereçam ser identificados ou aprofundados: todos eles têm igual valor histórico, o que empobrece o valor de seu método e obra.

O segundo volume, os *Ensaio e Estudos*, que abrange uma série de 17 estudos escritos entre 1903 e 1927, já não apresenta mais a diversidade dos estudos da 1ª série. Aqui, só encontramos temas relativos à historiografia brasileira, deixando totalmente de lado o romantismo e as análises literárias.

Capistrano de Abreu, como discípulo de Varnhagen, seguiu a escola do alemão Ranke, tido como o maior historiador de seu tempo (século XIX). Entre os traços fixados por sua escola, estão a *objetividade* (exclusão, no estudo do passado, das paixões do presente) e o *realismo descritivo* (narração do que sucedeu na realidade).

Capistrano, através das suas pesquisas históricas, análises e ensaios, deixou contribuições preciosas.

Em seu prefácio à obra *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil – Confissões da Bahia*. Capistrano historia como as Visitações foram reveladas, pela primeira vez, na *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador; enumera os nove volumes que compõem originariamente a coleção, os lugares onde se procederam as Visitações e informa ainda que três deles estão desaparecidos.

O mais interessante, entretanto, são as descrições e análises de Capistrano sobre esses fatos tão pouco conhecidos. Talvez mesmo, a grande maioria desconheça que houve no Brasil colonial uma “Inquisição”, onde a população local teve de confessar os atos de sodomia, seus pecados, o amancebamento existente, a falta de fé e outros atos condenados pela Inquisição. Um fator para o desconhecimento maior é serem as obras editadas em 1922, 1925 e 1935, estando completamente esgotadas e sem reedição.

Num artigo publicado em *O Jornal*, em 1927, Capistrano de Abreu faz uma avaliação crítica da obra de Anchieta no Brasil. Faz alusão inclusive ao incidente que envolveu o jesuíta no discutido caso em que teria servido de carrasco durante a execução de um francês. Capistrano faz a defesa de Anchieta, comprovando, através de documentos pesquisados, que o suposto francês foi enviado a Portugal para julgamento e posteriormente degredado para as Índias, a fim de cumprir sua pena, não mais se sabendo de seu paradeiro.

Cita também que Anchieta, quando transferido para a Capitania do Espírito Santo, escreveu “apontamentos sobre as missões da Companhia e de alguns missionários já falecidos.” Porém, somente fragmentos dessa obra foram localizados.

Capistrano foi o primeiro historiador brasileiro a se utilizar da geografia para tentar explicar o processo histórico. Para ele, o clima, o solo e a alimentação contribuem de maneira inigualável para a formação do homem e da sociedade. No entanto, o seu pensamento não é determinista, pois citando o caso do Brasil, diz que é “um dos mais belos países do mundo”, que “faz de seus habitantes um dos povos mais fracos”.

Num artigo publicado no *Almanaque Garnier*, Capistrano dá uma visão da geografia brasileira, demonstrando, mais uma vez, seu interesse pelas matérias auxiliares da história.

Ele nos conta, que, nos primeiros séculos, algumas cartas geográficas e alguns roteiros descrevem a costa brasileira. Entretanto, após a expulsão dos holandeses, a geografia estacionou. Os bandeirantes, apesar de se aprofundarem pelo interior do território, pouco ou quase nada deixaram escrito. Depois, alguns astrônomos vieram ao Brasil no momento das descobertas das minas. Quando das demarcações de limites, entre 1750 e 1777, chegaram aqui geógrafos, astrônomos e naturalistas, embora seus escritos tenham sido restritamente divulgados

Já no século XIX, Aires do Casal publicou a *Coreografia Brasileira* (1817) e, nessa mesma época, outros viajantes tentavam conhecer o Brasil (barão de Eschwege, von Martius, Saint-Hilaire, Guts-Muts). A partir da segunda década desse século, o governo já mandava fazer explorações de rios e, em 1860, uma comissão científica norte-americana visitou o Brasil.

Capistrano sugere um “trabalho, senão sintético, pelo menos sinótico” da geografia brasileira, pois, “de 1884 para cá, tem-se trabalhado regularmente” (exploração de rios, do litoral, pontos do interior; a geografia botânica e zoológica, a geologia, a distribuição dos índios são mais bem conhecidas).

Os *Ensaio e Estudos* resumem a trajetória do Autor e sua passagem do mundo literário ao mundo histórico. A coletânea de seus trabalhos menores nos possibilita a avaliação da trajetória e a percepção do sentido profundo que foi a passagem e qual o sentido que esta última tomou desde o início. Os seus primeiros trabalhos já o mostram preocupado com o uso de uma metodologia e o cuidado de ser preciso e objetivo. É por isto que a leitura de sua obra fragmentada continua a representar interesse aos leitores em geral e aos historiadores.